

A invenção do passado

John Banville fecha a trilogia de Alexander Cleave, ator às voltas com a morte traumática da filha e com a memória de um amor perdido na juventude

Texto José Mário Silva

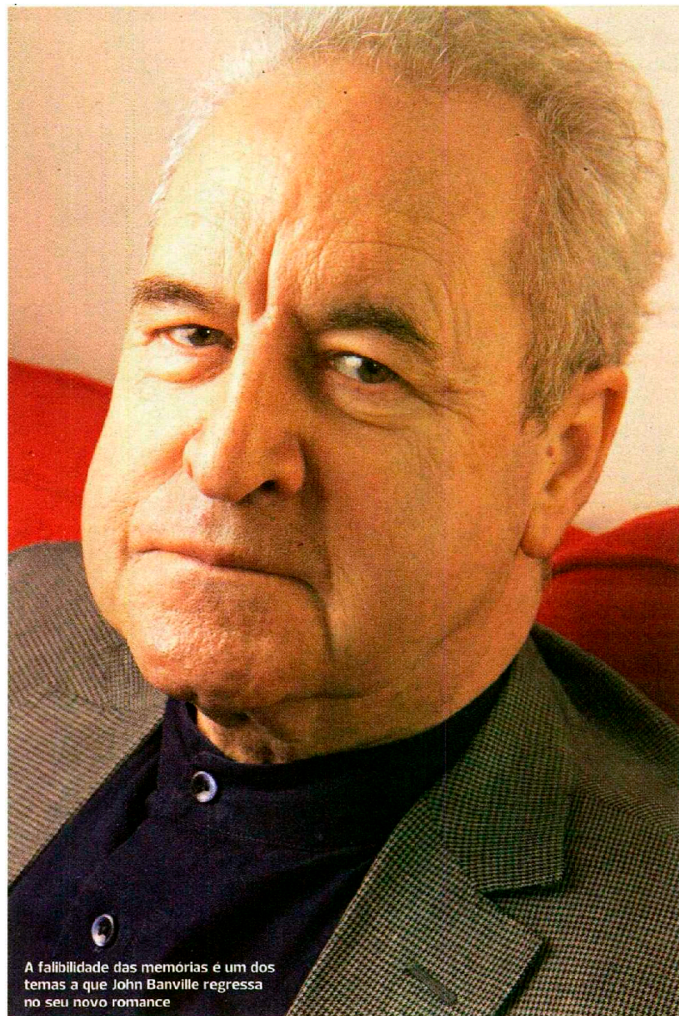
Luz Antiga” é o livro final de uma trilogia de John Banville, iniciada com “Eclipse” (2000) e “Shroud” (2002) — ambos publicados pela Ulisseia, em 2006 (com os títulos “Eclipse” e “O Impostor”). No primeiro livro, Alexander Cleave, um ator em crise, retira-se para a casa da sua infância, impregnada de memórias e premonições fantasmáticas, que se materializam numa tragédia final (o suicídio da filha, Cass). No segundo, tornam-se perceptíveis as eventuais razões para esse gesto extremo, quando acompanhamos a aproximação de Cass à figura de Axel Vander, um teórico da literatura sobre cuja verdadeira identidade ela descobriu um segredo comprometedor. No terceiro, já passaram dez anos sobre a morte da filha, mas os Cleave ainda não se apaziguaram. Lydia, a mãe, continua a acordar de noite, em sobressalto: “É uma espécie de sonambulismo, só que em vez de andar, ela corre, num estado em que ela se convence de que a nossa Catherine, a nossa Cass, ainda está viva e é de novo uma criança e se perdeu algures na casa.”

Embora a perda da filha esteja sempre presente, em fundo, como uma ferida que não sara, Alexander Cleave entrega-se, com evidente deleite, à recordação do seu primeiro (e talvez único) amor, vivido no verão dos seus 15 anos, quando se envolveu num tórrido romance com Mrs. Gray, a mãe do seu melhor amigo, vinte anos mais velha. Enquanto avança “aos tropeções pela Rua da Memória”, recapitula os numerosos encontros sexuais, no banco de trás de uma carrinha ou numa casa abandonada no meio dos bosques, com buracos no telhado por onde entrava a luz. Em toda a

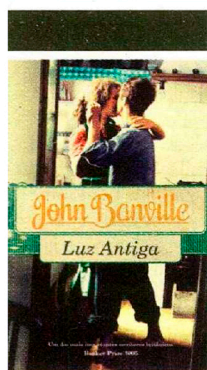
descrição do processo amoroso, com os seus êxtases agigantados pela ameaça de um fim súbito (os amantes correm, uma e outra vez, sérios riscos de serem expostos), há como que uma dimensão de fantasia. É difícil perceber o que aconteceu de facto e o que corresponde à efabulação de um adolescente transformado pelo desejo. Até que ponto podemos confiar na memória, quando até as cenas primaveris são contaminadas por motivos outonais? Ao recordar, reconstruímos. E quando olhamos para o que fomos, inventamo-nos.

Não por acaso, o filme no qual Alexander é convidado a desempenhar o papel de protagonista intitula-se “A Invenção do Passado”. No ecrã, cabe-lhe encarnar justamente a figura de Axel Vander, alguém que assumiu a identidade de outrem (como fazem os atores), um homem que ele pressente próximo da filha, quanto mais não seja porque estava em Portovenere, na costa da Ligúria, quando Cass ali pôs fim à vida, lançando-se para a falésia do alto da torre de uma igreja. A estrela de cinema com quem contracenava, Dawn Devonport, lida com um luto mais recente: a morte do pai, de ataque cardíaco, há menos de um mês. Frágil, desamparada, ela tenta suicidar-se com uma overdose de comprimidos, falha e acaba por encontrar em Alexander um refúgio. Tal como ele substituiu a figura paterna, também ela tenta ocupar o lugar de Cass, acompanhando Cleave numa viagem a Portovenere que não chegará ao destino.

À exceção de Cleave e de Mrs. Gray, perfeitamente desenhados no abismo da sua carnalidade e no desamparo de uma relação impossível, as personagens deste livro são demasiado esquívas, difusas, escapam-nos por



A falibilidade das memórias é um dos temas a que John Banville regressa no seu novo romance



★★★★

LUZ ANTIGA

John Banville

Porto Editora, 2013, trad. de José Vieira de Lima, 264 págs., €16,60

entre os dedos. Nos livros de Banville, a história que se conta nunca é o mais importante. O que importa é a linguagem, que neste romance volta a ser de uma exuberância, plasticidade e requinte nabokovianos. Numa das muitas e pormenorizadas descrições de Mrs. Gray, diz o narrador: “Parece que estou a vê-la à mesa da cozinha, depois de ter arrumado a chávena, mas com a mão ainda levemente pousada nela, como que para reter a exata sensação, a sua exata textura, enquanto, com os dedos da outra mão, fazia girar o rebelde cacho de cabelo atrás da orelha”. A prosa de Banville funciona da mesma maneira: toca nas coisas ao de leve, retém sensações e texturas, capta atmosferas que já se desfizeram, ou que talvez nunca tenham existido, mas que depois de as lermos adquirem uma aura que não somos capazes de esquecer. **A**